BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE SETEMBRO DE 1909 N.º 255

Exercicios na Escola Pratica de Infantaria EM MAFRA

El-Rei e a officialidade assistindo aos exercicios. — Um batalhão fazendo exercicios de tactica abstracta e flexibilidade. — Fogo em linha de atiradores

(*Clichés* de J. Benoliel).

Portugal e Argentina

Tratado de arbitragem

Publicando n'esta pagina o retrato do illustre ministro da Argentina em Lisboa, presta o *Brasil-Portugal* uma homenagem devida a esse diplomata que procura sempre assignalar a representação official do seu paiz por actos e tratados que approximem e interessem reciprocamente os dois paizes: aquelle de que é representante, e aquelle onde exerce essa alta missão.

Em Tokio prestou valiosos serviços tanto ao Japão como á Ar-

D. Baldomero Garcia Sagastume
Ministro da Republica Argentina em Lisboa

gentina o sr. D. Baldomero Garcia Sagastume, e da mesma natureza está resolvido a presta-los ao seu paiz e ao nosso, n'este momento em que exerce em Lisboa a elevada missão que o seu governo lhe confiou.

O ministro argentino acaba com effeito de firmar com o governo portuguez um tratado geral de arbitragem, em que ambos os paizes se obrigam a submetter ao *comité* permanente de arbitragem da Haya quaesquer questões que se suscitem e que por vias diplomaticas seja impossivel resolver.

Consta de 5 artigos esse tratado, no qual apenas se excluem os casos em que sejam affectados os interesses vitaes e a independencia dos dois paizes e ainda quando perigem os interesses de outra potencia; n'um d'esses artigos, consigna-se tambem que, sempre que seja necessario recorrer ao tribunal da Haya, as partes contractantes comprometter-se-hão, por sua vez, a estabelecer o assumpto de litigio, o alcance das faculdades dos arbitros e quaes as normas de processo que devem ser adoptadas.

São estas as bases especiaes do novo tratado de arbitragem, firmado entre Portugal e a Argentina, cujas ratificações serão opportunamente tratadas em Lisboa.

O illustre diplomata remetteu já ao seu governo as bases do referido tratado, a fim de poderem ainda ser apreciadas pelo parlamento argentino, antes do seu encerramento, o que se effectuará no fim de setembro.

Começam, pois, a sentir-se os bons resultados do restabeleci-

D. Suzana Garcia Sagastume
Esposa do sr. ministro da Republica Argentina em Lisboa

mento da legação argentina na nossa côrte, e a confirmarem-se, mais uma vez, os desejos do governo d'aquella republica sul-americana, no sentido de approximar os dois paizes e estreitar-lhes quanto possivel as relações.

N'essa obra, empenha-se com toda a actividade o representante da Republica Argentina, sr. Garcia Sagastume, trabalhando já n'um tratado de commercio, entre as duas nações, n'um outro de extradição e ainda n'um outro que assegure o reconhecimento de titulos scientificos.

Versos dedicados a El-Rei por occasião da sua recente visita a Mafra, onde foi assistir aos exercicios da Escola Pratica de Infantaria

Senhor! Sêde bemvido! A aurora esplendorosa
traja o manto de luz, ovante de belleza!
O sol oscula a terra e canta na deveza
espangindo no ar o doce olôr da rosa!

A festa da existencia é canção vaporosa
que evola docemente a mater natureza;
e nossa alma ajoelha esquecendo a tristeza
de quando não ha sol, n'uma manhã brumosa

Senhor! Vós sois o sol que beija a madrugada
e que vem até nós, n'um puro amor infindo,
dar vida á nossa festa, ha tanto desejada!

E a luz do vosso olhar no peito vae cahindo
onde ha esp'rança e fé e alma devotada
por Vós, ó nosso Rei! Senhor! Sêde bemvindo!

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Onde se passa bem o verão é na nossa casa. Prova-se o dito. As nossas commodidades caseiras e os incommodos e massadorias das estancias de verão. Como o chronista passa o verão em Lisboa. Janellas cerradas, um fato leve, um jantarinho appetitoso, uma creada velha, um gato e um cachimbo. — Uma carta anonyma que cae do céo aos trambulhões. Nas Pedras Salgadas. O pão de ló de Margaride e de Figueiró. Uma sentença do sr. Ferreira do Amaral.

Está provado e mais que provado que a melhor parte para passar o verão é a nossa casa. Pelo menos eu prefiro a minha casinha em Lisboa a qualquer outra nos campos ou ao mais luxuoso quarto de hotel de praias ou thermas. N'ella, tão pequenina e tão risonha, graças ao Senhor sempre limpinha e escarolada, eu tenho a consoladora certeza de ir encontrar o meu fato de brim, as minhas chinelas de linho, a minha cadeira de lona, cheia de agua a minha tina em que ninguem mais se lava, desdobrado o meu lençol turco a que mais ninguem se limpa.

Alguns convidados apeando-se

E' certo que não tenho arvores, arroios sussurrantes, paysagem, mar e outros artigos de grande subida n'esta época do verão. Mas graças a um systema de ventilação inventado pela minha creada, de frinchas abertas em diversas direcções, goso de uma frescura deliciosa, e succede-me todas as tardes, por volta das sete horas, á mesa de jantar, encontrar no fundo de tachinhos vidrados pôres-de-sol em tomate e rodas de cebola afogando prateadas sardinhas ou postas de safio, que não serão tão poeticos como os outros mas que são, pela certa, muito mais saborosos. Compensações.

Este meu jantar, então é um encanto. Sem sineta que me chame, sem colarinho alto que me afogue, sem *smoking* que me masse, sem sapatos de verniz que me atormentem, á vontade, em frente de uma jarra com flores, da minha garrafa de Collares, da minha garrafa das Lombadas, sentindo da vida apenas o ruido que a sr.ª Maria do Rosario faz mexendo nos talheres e o resonar do *Bombita* enroscado na sua coçada almofada de velludo vermelho, eu sou uma creatura relativamente feliz no canto da minha casa de jantar, ao escurecer d'estas placidas tardes. Emquanto longe das vistas de todos faço sopinhas na minha caldeirada, a sr.ª Maria do Rosario vem contar-me uma historia que leu de manhã n'uma gazeta — facada de amante ciumento, incendio em alguma estancia de madeiras, roubo em alguma ourivesaria, tremor de terra no Ribatejo, fusilamento em castello catalão, ou desastre hespanhol em terra de mouros. Diz o seu caso com grande copia de pormenores, como quem depõe sob juramento sem se aproveitar das regalias do projecto do sr. Medeiros sobre o caso e termina sempre por crusar as mãos sobre o seu alto ventre de hydropica e perguntar-me «para onde vamos nós?»

Vamos invariavelmente para a pera e o queijo, que a boa mulher me serve com o ar tragico de quem faz esse serviço pela ultima vez, tal a sua convicção de que a colera celeste vae arrasar tudo isto porque de madrugada ardeu um barracão em Chellas ou um *rufia* levou a sua coça de um policia.

Ouvindo fallar em queijo o meu gato, até então indifferente á conversa, abre um olho e tem o ar de quem diz á sua coleira, á falta de botões: «isto agora é commigo!» Ergue-se vagarosamente, recurvando o dorso, estende se, crava as unhas na velha almofada, boceja, e de um pulo passa para o meu hombro amesendando-se por fórma a poder roubar-me todo o bocadinho de queijo que eu leve do prato á bocca. Hei de escrever um dia a historia d'este grande e lindo canalha, cuja vida é um interminavel rosario de patifarias.

Quero-lhe muito. E' um grande, um admiravel companheiro. Elle e o meu cachimbo, um velho cachimbo inglez que é um dos maiores encantos da minha villegiatura na cidade. Com elle passo a melhor hora do dia, refastelado n'uma ampla cadeira de bordo, os olhos semi-cerrados, um lenço pela cabeça que me preserve das moscas, vendo subir as espiraes do seu fumo azulado. E' ao pôr do sol. Uma deliciosa sensação de bem-estar invade-me. Calma, silencio profundo. Apenas, de quando em quando, o apito de alguma fabrica, o grito nostalgico e longiquo de algum paquete que parte. Mais nada Que doçura inegualavel a d'esta hora! E lembro-me que é presisamente n'este momento que nas praias e nas thermas principia o maior supplicio dos veraneantes. E' justamente a esta hora que elles, em *toilette* de rigor, descem á sala de jantar abafadiça e vão tomar o seu logar á mesa commum, entalados entre dois outros, como *sandwichs*, n'uma atmosphera espessa, sob o calor dos grandes candelabros, mastigando jantares inverisimeis, ouvindo tolices a um politico apopletico que á sua direita exige «que tudo isto acabe para evitarmos uma grande calamidade cujas consequencias ninguem pode prevêr», aturando á esquerda um pançudo gastralgico que arrota e depois pede licença, supportando pela centesima vez a um maguifico sextetto contratado especialmente para lhe flagellar os ouvidos uma selecção do *Rigoletto* ou a canção do hungaro da *Alma de Dios*.

Esse supplicio acaba — emfim, uff!... — para começar outro. O infeliz levanta-se e sae a tomar ar, a limpar as camarinhas de suor, a desapertar um pouco o collete. Durante meia hora tem direito á vida. Mas só meia hora. Porque tem de estar ás 10 no club, o famoso club onde se passa uma noite deliciosa, dançando ininterrompidamente valsas que terminam por um elegantissimo *cotillon* ás 5 da manhã, precisamente a hora do banho que não toma, porque seria inconveniente ir metter-se na agua com uma noite perdida, fatigado de uma vida tão *chic*. Vae metter-se na cama? Não, ainda não. Uma volta pela praia, primeiro. Ver as madamas, vêr o mar, vêr tudo o que se mostre e mostrar-se a si proprio. A's 7 ou ás 8 volta então ao hotel e mette-se na cama. Mas não pode conciliar o somno. Acidez de estomago. E' da mayonnese, com certeza. Irra, que é incommodo. Volta-se para a parede. Mas não está bem. Torna a voltar-se. Peor. Mas que coisa tão massadora! Toca a campainha, pede agua do Vidago, bebe, sente-se melhor. Pergunta as horas. Hein, 8 e meia? Bem, chamem-o ás 10, porque tem de ir a um passeio, uma burricada Mas deixem-o dormir até ás 10 descançado. Pouco barulho, hein? Este maldito hotel não serve para uma pessoa que precisa de tranquillidade para restaurar a sua saude...

Festa offerecida pela senhora Duqueza de Palmella, na praia das Maçãs, para festejar os annos de seu neto Antonio, filho dos srs. Marquezes do Fayal

Grupo de convidados patinando

(Clichés de J. Benoliel).

* * *

A sopa no mel...

Precisamente n'este momento, o correio traz me uma carta. A letra é feminina: meuda talhe inglez, nervosa. O endereço é feito a tinta violeta. O carimbo postal é das Pedras Salgadas.

Não sei quem é esta senhora que pela terceira vez se me dirige. Das outras mandou-me dinheiro com que acudi á miseria de uma infeliz; d'esta accode-me, a mim proprio, com a esmola de uma nota espirituosissima para esta chronica. A illustre senhora, que se diz assidua leitora do *Brasil-Portugal*, conta-me um caso extremamente engraçado e pede-me que o relate n'esta secção da sua predilecta revista. Com o maior prazer, minha senhora! Será V. Ex.ª quem contará o anecdotico caso aos meus leitores por transcripção da sua gentilissima carta:

«... Entre as muitas pessoas que aqui estão contam-se uma distinctissima senhora de Felgueiras e um bacharel, advogado em Figueiró

Entre os dois levantou-se accesa mas amigavel discussão sobre as qualidades e excellencias do pão de ló de Margaride (Felgueiras) e de Figueiró dos Vinhos. Cada qual pretendia a proeminencia do pão de ló da sua terra.

Resolveram mandar vir a delicada guloseima e submetter a questão a um jury assim constituido: conselheiro Ferreira do Amaral (presidente), D. Virginia Cabral (esposa do dr. Alexandre Cabral, reitor da Universidade), condessa de Pinhel, D. Maria Brandão e João Baptista de Lima Junior.

Os vogaes deram um voto de confiança ao presidente, conselheiro Ferreira do Amaral, que comeu todo o pão de ló e por fim proferiu o seguinte accordão:

«O jury aberto nas Pedras Salgadas para resolver sobre a comparação do pão de ló de Margaride e o de Figueiró dos Vinhos, em conferencia:

Tendo examinado as peças do processo apresentadas em especie por ambas as partes;

Tendo verificado que todas as formalidades legaes foram rigorosamente observadas, sem reclamações nem protestos; e

Considerando que ambas as especies foram comidas com prazer;

Declara por unanimidade que o pão de ló de Margaride e o de Figueiró são approvados em *merito absoluto*.

Mas, quanto ao *merito relativo*,

Considerando as qualidades intrinsecas do paladar, a fama e até o proveito de quem o comeu,

Approva por maioria em primeiro logar o pão de ló de Margaride.

Porém:

Attendendo ao arranjo exterior da apresentação,

Consigna por unanimidade louvores especiaes ao pão de ló de Figueiró dos Vinhos.

Todavia

Convindo que esta primeira prova seja seguida de outras que a confirmem e corroborem,

Condemna por unanimidade os concorrentes a apresentarem, dentro de um praso rasoavel, novas provas do mesmo pão de ló, que será julgado com a mesma solemnidade.

Sem custas.

Cumpra-se.

Pedras Salgadas, 9 de agosto de 1909.

Ferreira do Amaral
PRESIDENTE.»

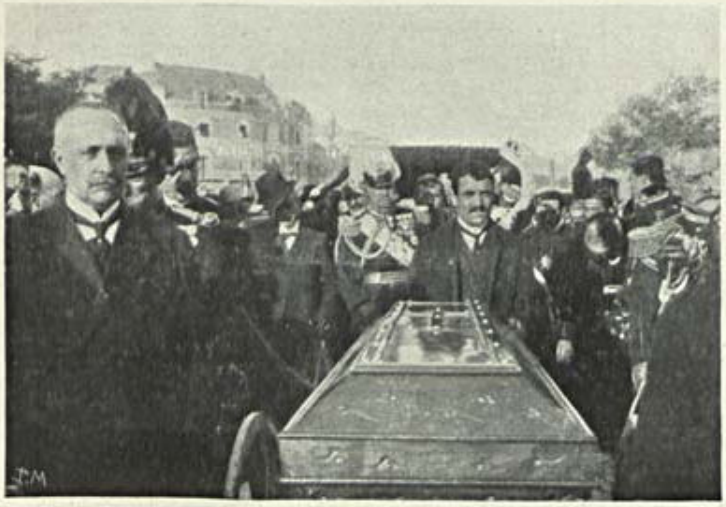
Beijo, reconhecidissimo, as mãos da minha illustre correspondente. E como não sou ingrato, agradeço, tambem muito penhorado, ao sr. conselheiro Ferreira do Amaral...

CAMARA LIMA.

— Maria, pozeste agua nova aos peixes encarnados da sala?
— Não, minha senhora: ainda elles não beberam a que lá tinham!

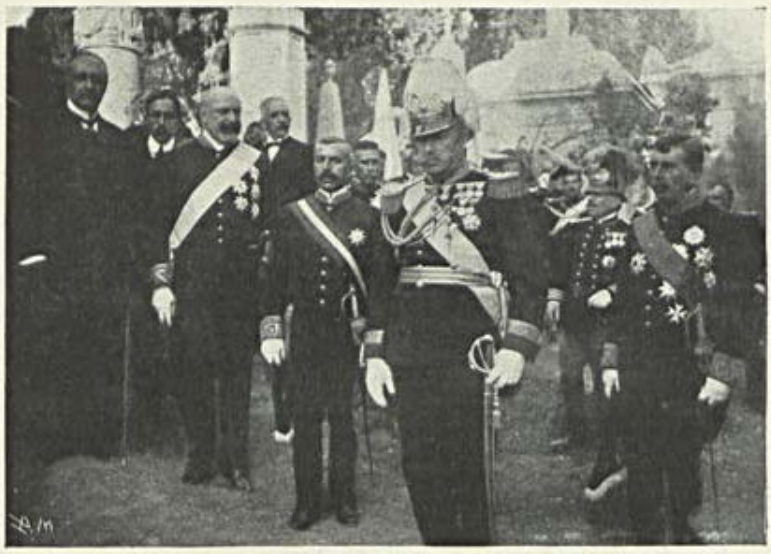
Um grupo rodeia na rua um operario, que caíra de um andaime.
— Morreu? — perguntou um.
— Ainda não; está-se á espera que chegue um medico.

Enterro do general Craveiro Lopes



O primeiro turno, vendo-se entre outras pessoas o Senhor Infante D. Affonso, o sr. conde de Figueiró representante de El-Rei, e os srs. conselheiro Wenceslau de Lima, Barjona de Freitas, Pimentel Pinto, etc.

(*Clichés* de A. C. Lima).



Enterro do general Craveiro Lopes

A' beira da sepultura — Da esquerda para a direita: *os srs. presidente do conselho, conde de Figueiró, marquez de Castello Melhor, o Senhor Infante D. Affonso, conde de Sabugosa, etc.*

O marquez de Pombal e a sua epoca

(Continuação)

IV

Nunca um réo de crimes politicos, ministro da vespera, na situação de Carvalho, com as responsabilidades de um reinado, tão miseranda defesa articulou.

Exprobravam-lhe os accusadores o querer tomar a si a gloria dos feitos louvaveis e imputar ao rei as violencias e crueldades. Exilios, prisões, cadafalsos, tudo ordens de D. José. Elle Pombal, quando muito, seria o carrasco, ás vezes compadecido, ao serviço do monarcha vingativo e sanguinario. Das forcas do Porto ao incendio da Trafaria, fôra sempre el-rei o mandador. Carvalho, benevolo, chegara até a interceder por inimigos seus, como Gonçalo Christovão, parente d'elle, preso por lhe attentar contra a vida. Quem tal acreditara do homem, de quem na época diziam ter cabellos no coração? Apesar d'isso o protegido penou muitos annos no forte da Junqueira. A asserção, como muitas mais do inquerito, tem de ser rejeitada.

Uma a uma, cada victima da sua feroz politica o tinha sido por vontade do rei, ou regular decisão dos juizes. De 1750 a 1759 — dizia Carvalho — era D. José quem tudo determinava. Durante esse tempo, o ministro sómente cuidou das coisas do commercio e da navegação. Foi em 1762, passada a guerra com a Hespanha, que a sua influencia entrou a ser grande. Entretanto o rei continuava a informar-se de tudo. Os espias levavam-lhe pessoalmente as participações, de manhã aos seus aposentos, pela tarde ao picadeiro.

Instituido o juizo da Inconfidencia, este é que recebia as denuncias, pronunciava os culpados, ordenava as prisões, sentenciava, e depois entregava o accordão a um dos secretarios de estado, para ser presente ao rei. Extranhas e sinistras coisas revelariam, se viessem á luz hoje, esses processos, em que os réos se não defendiam, e, condemnados, cumpriam sentenças que não tinham jamais ouvido. E então, no processo dos Tavoras, a que presidiu; de Malagrida em que foi denunciante; do genovez Pele em que ditou os procedimentos, veriamos o ministro, por detraz dos espias, conjuncto aos juizes, superior ao rei a quem dominava, pôr em movimento elle sósinho o mecanismo atroz das proscripções.

As declarações que fez no inquerito, subordinadas ao systema de esquivar responsabilidades em actos, que a opinião publica repellia, escassa claridade espargem sobre o mysterio das prisões e castigos, em que foi abundante o *terror pombalino*. Muitas d'essas violencias occorreram sem processo. Uma ordem real bastava; e — referia Pombal — o monarcha, usando assim de um direito, que as ordenações lhe conferiam, era o proprio a dizer-se o juiz unico, irresponsavel, das prisões que ordenava. Com taes affirmações pensava o ministro illibar-se a si do odioso. Debalde os juizes tentaram penetrar a origem de certos actos de perseguição, que haviam surprehendido, já por inesperados, já pela qualidade das pessoas a quem attingiam. As respostas de Carvalho são quasi sempre nebulosas, omissas, e em alguns casos notoriamente oppostas á verdade.

Ao numero d'estes ultimos pertence a prisão do visconde de Villa Nova de Cerveira, camarista de D. José e a do conde de

S. Lourenço, que o foi do infante D. Pedro. Falleceu o primeiro, ao cabo de alguns annos, no castello da Foz; o outro ficou livre no perdão geral por morte de D. José. Nunca os secretos motivos da ruina d'estes dois homens transpiraram. A voz publica ligou o acontecimento ao castigo dos infantes de Palhavã, e ao conflicto em que se dizia fôra ultrajado o primeiro ministro.[1] O inquerito não confirmou a versão nem desvendou o mysterio; mas não será desrazoado conjecturar que os fidalgos, favoritos do infante, tentassem, após o casamento, realizado dias antes, persuadil-o a pronunciar-se em opposição a Carvalho, e d'ahi lhe resultasse a punição.

Sobre Diogo de Mendonça Côrte Real não se apura muito mais. Este ministro, em casa de quem era costume reprovar os actos do soberano, adoptara — declarou Pombal — a praxe de ir ao despacho a horas descostumadas, evitando a presença dos collegas. Reparou n'isso o rei, e, desconfiando de certos papeis, mandou-os examinar: continham falsidades; logo ordenou a prisão e o desterro do ministro infiel. Assim, em termos vagos, o interrogado explica a desgraça do companheiro, obra sua com certeza. A razão verdadeira ficou, como d'antes, impenetravel.

Outro enigma foi a sorte de José Seabra, confidente intimo, ajudante de Carvalho na secretaria do reino. Tendo exercido tres annos este cargo, em janeiro de 1774 foi, por ordem do rei, desterrado da côrte, preso em seguida no castello de S. João do Porto, e transferido depois para as Pedras Negras, n'aquelle tempo o mais inhospito presidio de Angola. Para merecer isso o que fez? Perguntado sobre o facto, o marquez alheou de si toda a responsabilidade. Seabra era para elle como um filho adoptivo e meditava fazel-o seu successor. Foi o Cardeal da Cunha que, sabendo isso, por inveja lhe preparou a ruina, intrigando-o com o monarcha, por meio de *anecdotas indecentes e criminosas*. Que anecdotas fossem não o disse Pombal. Referiu apenas que, em seguida a isso, D. José pediu uma relação dos despachos, assignados por Seabra, e dias depois o mandou despedir.

Esta ultima parte, capciosa, descobre a inimizade de Pombal, deixando entender que alguma cousa se encontrou nos despachos, em desabono do ministro ajudante. Nós sabemos em que conceito o tinha aquelle: *o homem mais ingrato, e perfido, e infame*. Se entre dos houve do cardeal da Cunha, com certeza a elles não foram extranhas as ingratidões, as perfidias, as infamias, que o primeiro ministro tinha a vingar; e tudo faz crivel a versão, que davam do caso os contemporaneos.

Para obstar á inevitavel reacção contra a sua pessoa, por morte de D. José, imaginara Pombal introduzir no reino a lei salica, coagindo a herdeira do throno á renuncia da corôa, em proveito de seu filho, o principe da Beira; e decerto o rei, que não amava a D. Pedro, veria sem desgosto a mudança na ordem da successão. Com o principe, em menor edade, e que, rodeado de familiares seus — o bispo Cenaculo, preceptor, o conde de Oeiras, camarista, e outros mais — queria educar na submissão aos seus dictames, e na veneração do seu genio, com esse continuaria a sua politica; ao menos, emquanto vivo fosse, o governo, ambição da qual, reinando a princeza, nenhuma esperança poderia guardar. Mas Seabra, que era da confidencia, annullou a tentativa, descobrindo o trama á rainha D. Marianna Victoria. D'ahi o imprevisto desfavor, e o castigo; essa a ingratidão e a perfidia, que o protector trahido lhe não perdoava.[2]

Personagem menos consideravel, mas que, pelo papel que um instante representou, fez interessar por seu destino os contemporaneos e as pesquisas da historia, foi José de Mascarenhas Pacheco, escrivão da famosa alçada do Porto, em 1757. Galardoado com adeantamentos na sua carreira, indo ao Brazil, em 1760, em missão relativa ao sequestro de bens dos jesuitas, foi encerrado, ao chegar ao Rio de Janeiro, em uma fortaleza, de onde sómente sahiu quando tambem para as outras victimas do rigor pombalino raiou a liberdade. D'esta inesperada mudança do favor em castigo, não se soube então, não será hoje facil saber-se o motivo. Almas candidas imaginaram ser a expiação das protervias do Porto, mas, se nada justifica a romantica anecdota, as explicações de Pombal, no interrogatorio, não são de mais verosimilhança. Segundo elle disse, José de Mascarenhas detivera-se na Bahia, ao tempo em que lá se encontravam duas esquadras, uma ingleza, a outra franceza; e, como o desembargador, conselheiro ultramarino, personagem de categoria, com representação official, se desvelasse com os francezes em attenções que não dispensava aos inglezes, estes, sempre em rivalidade com a França, e além d'isso alliados de Portugal, dando-se por offendidos, destacaram um barco, que trouxe ao reino queixa d'aquelle procedimento. Em razão d'isso, D. José para dar satisfação ao governo britannico, mandara prender o leviano Mascarenhas, conservando-lhe todavia os ordenados. A' primeira vista se reconhece que, mesmo sob o regimen pombalino, era excessiva a pena para o delicto.

Qualquer que fosse a causa, o prisioneiro como Seabra, não imputou nunca ao ministro as suas infelicidades. Voltando do Brazil, foi um dos seus primeiros cuidados ir visital-o ao desterro, dizendo em seguida que «obrigado estava ao marquez antes da sua prisão, depois da sua prisão e ultimamente em Pombal,»[3] tal foi o acolhimento, que do seu antigo protector recebeu.

Nas Caldas da Rainha

Um almoço elegante no "Eden" da Foz do Arelho

Em pé (da direita para a esquerda): *D. Maria Margarida Franco de Machado Santos, José de Castelbranco Ribeiro da Cunha, D. Maria das Dores de Castilho, Viscondessa de Sacavem (D. Mathilde), D. Jorge de Menezes, Visconde de Sacavem (José), D. Josephina de Castelbranco Ribeiro da Cunha, Condessa de Mesquita, D. Augusta de S. Martinho Gonçalves e D. Palmyra Cardoso.*

Sentados: *Alfredo Abreu, Bartholomeu Perestrello de Mattos, Leopoldo de Sotto Mayor Diniz, D. Marianna de Castilho, Alexandre de Castilho e seu filho, José Manuel Pinto (Sacavem) e Julio de S. Martinho Gonçalves.*

Em outros pontos, igualmente obscuros, sobre os quaes o interrogatorio versou, não tiveram os juizes satisfação mais completa. D'esta arte, todas as tentativas para esclarecer os mysterios do reinado, sahiram baldadas. O segredo das inexplicadas violencias ficava com o soberano desapparecido, e com o ministro que em breve ia seguil-o á mansão do eterno segredo.

NAS CALDAS DA RAINHA. — A tourada do dia 15 de agosto

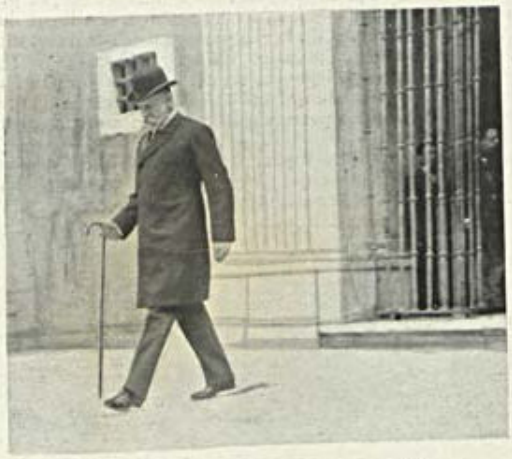
Um aspecto

Outro aspecto

V

Dia a dia se aggravava a enfermidade e declinavam as forças de Carvalho. Os interrogatorios gastavam-lhe o resto da energia, baniam toda a esperança de allivio. Davam-lhe os juizes curto respiro quando prostrado pelo excesso das dôres, ou era mais profunda a depressão moral; mas, de dois em dois dias, voltavam por noticias e, desconfiados, chegavam a ir vel-o á cama, para ao primeiro reco-

O Principe Alberto de Monaco em Lisboa



Sua Alteza sahindo do templo de S. Vicente onde foi depôr corôas sobre os tumulos de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filippe

(Cliché de J. Benoliel).

bro continuarem. O infeliz conheceu então o desespero d'aquelles que, em tanto numero, votara ás gehennas, e no excesso das dôres physicas pensou acaso, em taes momentos, padecer tanto como o pretenso assassino Pele, dilacerado pelos cavallos, ou José Maria de Tavora, a bramir no eculeo a sua innocencia.

A piedade, que mandava pedir, ninguem lh'a concedia. Em nenhuma parte um amigo, um protector, uma egide. O filho, que na côrte exorava contemplação para um velho a debater-se na agonia da doença e na afflicção dos mais sensiveis golpes moraes, lastimava-se referindo que a rainha e o rei o receberam *com seccura;* o arcebispo (de Thessalonica, confessor e conselheiro principal de Maria I, o verdadeiro poder do estado), *com desabrimento;* e a propria rainha mãe se limitara a dizer-lhe *que sentia muito achar-se o marquez tão doente.* D'esta ultima, em cuja sollicitude puzera toda a esperança, Carvalho era obrigado a reconhecer que *já estava ganha por seus inimigos.* Quanto aos outros desabafava: «El-rei quer vingar a extincção dos jesuitas, cujo espirito se lhe introduziu pela educação e convivencia de tantos annos... O arcebispo e o marquez de Angeja (primeiro ministro), depois de me terem offendido e ultrajado, temem a minha existencia n'este mundo, muito mais do que antes a temiam . .» Depois, em uma crise de raiva: «Está decidido entre os conjurados que na minha morte consistirá o seu socego, que sem ella se não poderá contentar o odio e o rancôr de não terem assassinado o senhor rei D. José, para ficarem governando como hoje governam, desde a noite de 3 de setembro de 1758.» [4]

A's tristes apprehensões do futuro o conde de Oeiras respondia, buscando tranquillizal-o: « O que sei que é certo é que não resultará outra cousa mais do que amofinar a V. Ex.ª». [5] E logo em seguida: «Posso affirmar a V. Ex.ª que tudo isto ficará por aqui.» [6] Como lhe annunciasse que a rainha, finalmente compadecida, ia mandar recolher os juizes, o marquez, incredulo e sempre temeroso, retorquia: «Pouco importa que cessem as perguntas em Pombal, se a ellas se vae seguir um processo de estado em Lisboa.» [7]

O fatal dia 15 de janeiro, ultimo do inquerito, passara. Então, livre da inquietante presença dos juizes, Carvalho recobra-se um pouco. Inconsciente, no senil apêgo á vida e ao socego, nenhuma humilhação já lhe repugna; volta a gemer e a supplicar. Novamente manda solicitar a rainha pelo conde de Oeiras; escreve ao arcebispo confessor, de quem dias antes tanto se aggravava, a rogar que por elle interceda, pois que «a rainha não ha de esquecer que é a filha e neta dos dois reis que tanto e tão distinctamente quarenta annos o honraram no seu real serviço.» [8] Insensivel ao tragico da scena final com os juizes, n'ella põe a esperança de salvação: «A minha ultima resposta dada a José Luiz da França, em 15 do corrente, e a carta que acabo de escrever ao arcebispo, poderão pôr um termo a todas as diabruras.» [9] Passageira illusão, que as mesmas angustias do passado breve substituiam.

Os herdeiros dos Tavoras tinham sahido das prisões publicando a sua innocencia, e, illibados os vivos, tentavam rehabilitar as victimas de Belem. Iniciara-se o processo de revista e esses mortos, que ameaçavam resurgir das cinzas dispersas, amedrontavam em extremo a Pombal, que já os via a elles sem macula, e se olhava a si proprio *culpado na sentença proferida.* [10] Já receando o peor dizia agora. «Eu tambem não receberei grande admiração de ter aqui uma segunda visita, mais atroz do que a de José Luiz França para me levarem, para onde lhes parecer, a pau e corda, porque não poderei ter outra forma de transporte, no estado em que presentemente me acho».

(Continúa). **João Lucio.**

---

[1] Cf. a nota, pag. 272.

[2] E' de notar que o proprio Seabra parece negar o facto. Ao regressar a Lisboa do degredo, na exposição dirigida a D. Maria I dizia o seguinte: «A voz publica, que não costuma perdoar aos que teem, e menos aos que deixam, o alto logar que o supplicante occupou, clamou pela sua innocencia; e, pela maior parte, ainda fóra de Portugal, se lhe fez o favor de o crer *réo de um crime honrado que o supplicante não commetteu*, porque nunca se lhe offereceram circumstancias de ser tal delinquente» Mas logo em seguida como que se contradiz: «...quando, em summa, e esforçando-se o supplicante em se procurar a si mesmo delictos contra o real serviço, chega de algum modo a persuadir-se que não teve outros que os que lhe formou o publico, sendo-lhe favoravelo. — De onde se poderá deprehender que o trama realmente existiu, que o não denunciaria Seabra, mas, suspeito de o fazer, seria punido.

[3] Carta do conde de Oeiras ao marquez, 14 junho 1780. Na mesma participa que José Mascarenhas desistira da causa que andava pleiteando sobre a quinta de Santorum, em poder de Pombal, por saber o gosto que n'essa propriedade elle tinha.

[4] Carta ao conde de Oeiras, 5 janeiro 1780.

[5] Idem, id.

[6] Idem, 6 janeiro 1780.

[7] 5 janeiro 1780.

[8] 18 janeiro 1780.

[9] 19 janeiro 1780.

[10] 27 maio 1780.

Leis pedagogicas

I

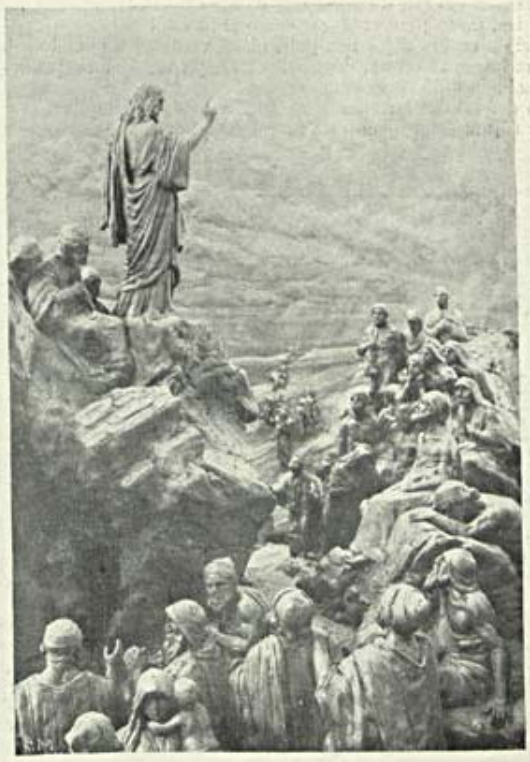
A Pedagogia encontra-se e encontrar-se-ha ainda por um largo periodo no estado de verdadeiro empirismo; e não se pode dizer que será systematisada, em quanto a Psychologia experimental não sahir do cahos em que se acha.

Desse estado da Pedagogia resulta a falta de precisão que se nota nas suas leis ou conclusões, mesmo naquellas que maior auctoridade e prestigio conservam.

Poderemos prova lo com algumas das leis mais conhecidas.

Tal é por exemplo a *lei da objectivação*, que é costume formular se assim: «O ensino das coisas e dos factos deve ministrar-se em presença

Assumptos religiosos



Christo prégando sobre a montanha

dessas coisas ou factos. Quando faltam, o professor recorre a imitações ou a imagens.»

Eis uma lei que á primeira vista parece evidente.

E no entretanto a lei não é absolutamente verdadeira. Por um lado a

Assumptos coloniaes

Typos africanos

O chefe Cahuima e seus filhos (Hollo)

realidade conhece-se muito melhor quando nós mesmo a observamos e a analysamos; sob este ponto de vista a lei é verdadeira

Por outro lado a intelligencia humana vae-se emancipando progressivamente do mundo material; e a superioridade mental mede-se pelo nosso poder de abstracção e de generalisação e pela riqueza da imaginação.

Por outros termos a superioridade mental consiste realmente na potencia de abstracção, de ideação, de imaginação, isto é, dos processos não sensoriaes.

A consequencia é que não devemos mantêr continuamente a mentalidade da creança e muito menos a do homem encadeada á realidade sensivel.

Como proceder então na pratica? Depende isso do bom senso e da competencia do professor. Este, conhecendo as vantagens e os inconvenientes da objectivação, deve gradua la conforme a natureza das noções a adquirir e conforme a edade e o desenvolvimento mental do alumno.

Formar regras ou preceitos que graduem o emprego da objectivação, nem é possivel, nem é conveniente. Deve começar-se o ensino de qualquer assumpto, objectivando e deve terminar-se não objectivando? Deve objectivar-se quando se ensina a creança e não objectivar se quando se ensinam homens? Não se pode responder por formulas a estas perguntas. Ha casos em que o ensino tem de ser essencialmente objectivo, como na physica, tanto para creanças como para adultos.

A lei do ensino objectivo, pois, não é verdadeira quando se annuncia por uma forma absoluta, dogmatica e simplista. Assim exposta contraria a psychologia e a experiencia.

E' o defeito das formulas geraes extremamente simplificadas; deixam-nos vêr só um dos aspectos da realidade e falsificam os nossos juizos.

Assumptos coloniaes. — Typos africanos
Fumadores do Mussuco

E assim o professor com respeito ao ensino objectivo não adoptará como criterio nenhum principio absoluto e exclusivo. Conhecendo as vantagens e os inconvenientes da objectivação do ensino, resolverá conforme as circumstancias os casos que a realidade lhe apresentar.

II

Uma outra lei da Pedagogia é a que respeita á attenção. «O mestre deve attrahir artificialmente a attenção do alumno até ao thema da licção.»

Para se comprehender esta lei, formulamos uma lei contraria.

Ha a attenção, sem exforço, chamada pelos psychologos expontanea, e ha a attenção com exforço ou voluntaria. A primeira é commum ao homem e ao animal. E' o interesse que a provoca. A attenção que propriamente caracterisa o homem, é a voluntaria. Quanto maior fôr a nossa capacidade de attenção voluntaria, tanto maior será a nossa capacidade intellectual. Em regra pelo menos é isto verdadadeiro.

Sendo assim parece que a Pedagogia deveria recommendar que o professor não deve habituar os alumnos a uma attencção provocada, mas exercita-los á prestar a attenção com exforço. Em logar de attrahir a intelligencia para o thema da licção por processos mais ou menos suggestivos, deve entrar immediatamente na materia.

Vê-se pois que a lei pedagogica relativa á attenção não é absolutamente verdadeira. E' verdade que conduzindo a attenção da creança até ao assumpto do estudo por processos attrahentes, a creança comprehenderá melhor a licção.

Por outro lado não deve o professor esquecer que sendo a attenção voluntaria uma qualidade superior do homem, não deve habituar a creança a prestar passivamente a attenção em todos os casos.

A conciliação far-se-ha naturalmente provocando a attenção por motivos attrahentes nas creanças de pequena edade, e creando pouco a pouco a attenção voluntaria, á medida que a creança cresce.

Assumptos coloniaes. — Typos africanos
Sobas do Songo

Portanto tambem neste assumpto qualquer criterio absoluto é perigoso; e o professor melhor ousará, recorrendo ao raciocinio e ao bom senso para resolver os casos que a realidade lhe apresentar.

III

Outra lei pedagogica é a da *ordenação logica* que se annuncia assim: «Devem ordenar-se os exercicios escolares, de modo que se apprendam primeiro as antecedentes e depois as consequentes.»

Parece esta lei absolutamente natural, clara e evidente. E todavia nada ha mais complicado.

Sabemos todos que a época da primeira infancia é aquella em que a creança adquire um maior numero de noções, é a época em que mais se instrue e mais se educa.

Comtudo essa primeira educação e essa primeira instrucção que a creança recebe da natureza e do meio social, não está submettida a preceitos pedagogicos nem á lei da ordenação logica. Tanto a natureza como as pessoas que rodeiam o menino apresentam-lhe os factos e os principios que deve assimilar de uma maneira illogica. Nem a natureza nem os homens se preoccupam com a lei da ordenação logica. Esta é a primeira complicação.

Mas ha mais. Os antecedentes devem aprender-se primeiro que os consequentes. Mas o que são *antecedentes* e o que são *consequentes?* Supponhamos, por exemplo, uma verdade mais geral em rela-

Assumptos coloniaes
Typos africanos
Typos da Jinga

A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff

A artilharia do forte dos Camellos fazendo fogo contra os mouros

ção a uma menos geral, a lei de Newton em relação ás leis de Kepler. Eu posso partir das leis de Newton e deductivamente inferir as leis menos geraes de Kepler E posso proceder no sentido inverso. No ensino uma ou outra ordem poderá ser seguida. Qual é n'este caso o *antecedente* e qual é o *consequente*? E visto que a marcha do meu pensamento pode ser um ou outro sentido, tanto posso chamar *antecedente* á lei de Newton, como ás leis de Kepler.

Nos theoremas da geometria succede o mesmo. A verdade mais geral pode ser precedida da verdade menos geral.

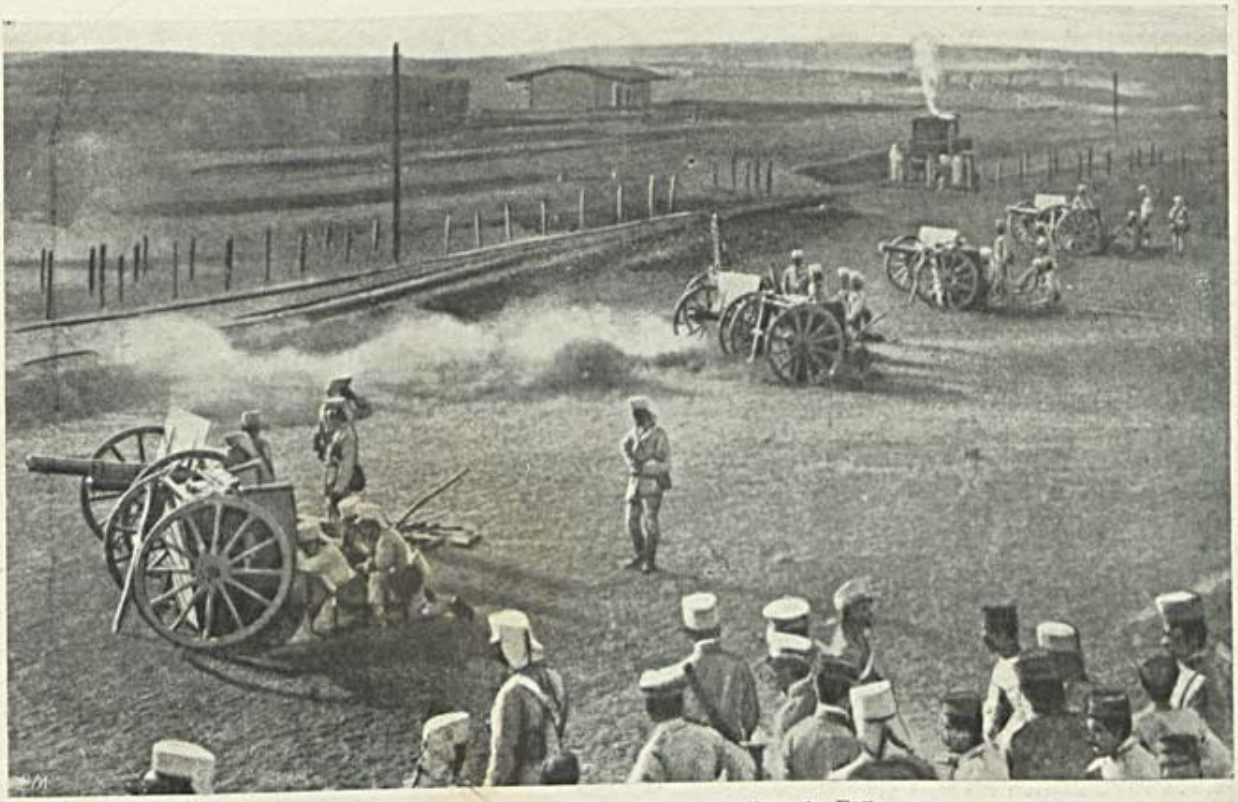
A sciencia moderna,— e esta é uma das grandes evoluções da psychologia moderna — mostrou que o que chamamos logica, é mais uma forma de exposição, de que uma traducção exacta do que realmente occorre no pensamento. Essa exposição pode fazer se de diversas maneiras ou em ordem distincta Ora a prohibição de seguir qualquer d'essas ordens, uma prohibição absoluta, seria completamente arbitraria.

Marques Mano.

Politica internacional

A situação em Espanha se passou do estado agudo, que a caracterisou na anterior quinzena, para uma relativa tranquillidade, nem por isso se esclareceu melhor; e continua a ser motivo de justificadas inquietações qual poderá ser o seguimento do que acaba de passar-se durante os lugubres dias d'essa *Black Week*, que em Barcelona e Melilla tão duros golpes vibrou no orgulho espanhol.

A grande cidade catalã, dizem, entrou na sua normalidade. A praça africana vae em breve vingar o desacato, que contra ella os rifenhos com-



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff

A artilharia «Shneider», no acampamento, do Hyppodromo bombardeando o Gurugu

A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff
Um grupo de espiões mouros ao serviço dos hespanhoes

metteram. Accrescenta-se até que a *harka* dos mouros está em plena decomposição, e que dentro em pouco o general Marina não terá mais do que realisar um simples passeio militar para limpar toda a região do Gurugu dos inimigos da Espanha. Será assim, não o duvidamos, apesar da proveniencia semi official de tão optimistas noticias. Mas depois? Tanto o levantamento de Barcelona como a campanha de Melilla, consideradas em si, pouco valem; e nunca duvidámos nem por um momento que quer n'um caso quer n'outro a victoria havia de pertencer ao governo de Madrid. Mas se em si Barcelona e Melilla pouco valem, valem muito como symptoma inquietador da situação politica da nação vizinha, e não podem deixar de ter consequencias desagradaveis para a estabilidade do actual regimen.

***

E antes de tudo, o que foi o movimento de Barcelona? Não é facil por agora dizel-o, tão desencontradas são as opiniões, que a este respeito teem apparecido na imprensa estrangeira, visto que para o caso os jornaes espanhoes não contam, por sómente poderem escrever o que a censura lhes consente. Segundo uns a revolução catalã foi um movimento anti-monarchico, preparado de longa data, e que tomou apenas como pretexto o incidente da guerra. Segundo outros esse movimento foi accentuadamente separatista e visou sobretudo o predominio castelhano, sem manifestar comtudo preferencia pela monarchia ou pela republica.

Segundo outros ainda a revolução de Barcelona foi um attentado anarchista, não só do anarchismo espanhol, mas muito principalmente do anarchismo cosmopolita, que assentou o seu quartel general na formosa e infeliz capital do principado. Ha finalmente os que sustentam, que não se trata nem de separatismo, nem de republicanismo, nem de anarchismo, mas apenas de uma explosão não premeditada da indignação popular, em presença das injustiças da lei do recrutamento e da violencia de se chamarem ás armas os reservistas, que do serviço militar deviam estar isentos, se os filhos dos ricos pagassem como os pobres á patria o tributo de sangue, que lhe devem.

O que ha de verdade em tudo isto? Para nós cada uma d'estas opiniões é em parte justificada, embora não sendo inteiramente verdadeira O movimento de Barcelona foi produzido por todas as causas que se apontam, não isoladamente mas juntas, sem embargo de cada uma d'ellas poder por si só determinar uma explosão.

Mas no fim de contas foi a tendencia anti-castelhana a que predominou ou pelo menos a que constituiu a atmosphera propicia para a conflagração. Se o descontentamento permanente, que é a doença chronica da Catalunha, não predispozesse os espiritos para a revolta, nem a propaganda anarchista teria trabalhado tanto o sub-solo catalão, nem o caso dos reservistas, que tambem se deu em outras provincias, só alli haveria assumido taes proporções.

Os espanhoes por amor proprio e orgulho nacional illudem-se, procurando por todas as fórmas negar as tendencias separatistas do principado. Mais valera que virilmente as confessassem, para lhes applicarem o indispensavel remedio, se esse remedio ainda é possivel depois de tantos erros commettidos.

No fundo de todo o movimento catalão ha sempre a ideia separatista, o que não quererá dizer proclamação da independencia da Catalunha, mas que indubitavelmente significa separação, isto é, autonomia intellectual e economica com relação ao resto da Espanha. E nem podia deixar de ser.

De todas as regiões da peninsula, e com excepção da zona vascongada, que tem como centro Bilbau, a Catalunha é a mais florescente sob o ponto de vista economico e a mais adiantada material e intellectualmente. Basta comparar Barcelona com Madrid para que o contraste desde logo se manifeste. A industria do Principado póde rivalisar em certos artigos com a industria ingleza ou allemã. O movimento litterario e scientifico catalão é notabilissimo. E a respeito de arte a velha Castella tem de confessar-se vencida ante a pujança de vida e a inspiração da nova escóla artistica barcelonense.

N'estes termos como não ha-de a ideia separatista medrar entre os catalães? Elles são outra nação, por mais que os espanhoes digam o contrario, com outra lingoa, outra historia, outro caracter e outros interesses. Como querem os espanhoes dominal-os pela força? E como querem pela força apagar as profundas differenças que d'elles os dividem?

A situação actual da Catalunha na Espanha é perfeitamente identica á situação da Polonia dentro do imperio russo. Não ha duvida que pela força os polacos são impotentes para se separarem da grande nação slava, de que fazem politicamente parte. Mas tambem é certo que pela força nunca poderá a Russia assimilal-os. Elles são uma nação differente, embora afim Fallam uma lingoa com autonomia propria, embora estreitamente apparentada com o russo Teem uma litteratura riquissima, esmaltada de nomes de primeira grandeza. Possuem uma arte propria. São, em resumo, mais civilisados do que os russos, tendo estado mais tempo do que estes em contacto com a civilisação occidental.

Dada esta situação entre os vencedores e vencidos, a absorpção da nação polaca pela Russia é impossivel. Já um grande numero de russos lealmente o reconhece, e porisso é cada vez maior o partido dos que advogam um accordo entre as duas nacionalidades. Sem esse accordo, póde bem affirmar-se, a paz entre as duas nações não existirá.

Ora se a Russia, não obstante o seu immenso poder, não conseguio reduzir pela força a Polonia, como logrará a Espanha, sob certos aspectos inferior em civilisação á Catalunha, e menos forte mesmo relativamente do que a Russia, dominar pela violencia a nação catalã? E' impossivel.

O erro da Espanha é querer reduzir á uniformidade castelhana populações heterogeneas. O estado espanhol só acceitando a fórma federativa póde conservar-se unido Ha-de pouco mais ou menos ter uma feição identica á Austria-Hungria, ou verá sempre a tranquillidade interna ameaçada por levantamentos como os de agora. E quanto mais a Espanha centralista resistir a conceder ás diversas nações, que a compõem, a indispensavel autonomia, mais esta autonomia terá de ser longa no dia inevitavel, em que houvér de ser dada

Temol o insistentemente repetido n'estas revistas: o problema catalão é o mais grave da Espanha contemporanea. E' preciso que a nação vizinha — e dizemos-lhe isto com a melhor amizade e simpathia — não repita por uma lamentavel teimosia o erro que commetteu com Cuba, ne-

A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff
Um trecho do acampamento mourisco nas montanhas do Gurugu

gando-lhe até á ultima hora a autonomia, que lhe teria evitado tantos desastres e a perda final da ilha.

Não ha meio em pleno seculo XX — convençam-se d'esta verdade os estadistas espanhóes — de dominar tres milhões de homens civilisados, trabalhadores e dispostos a serem livres.

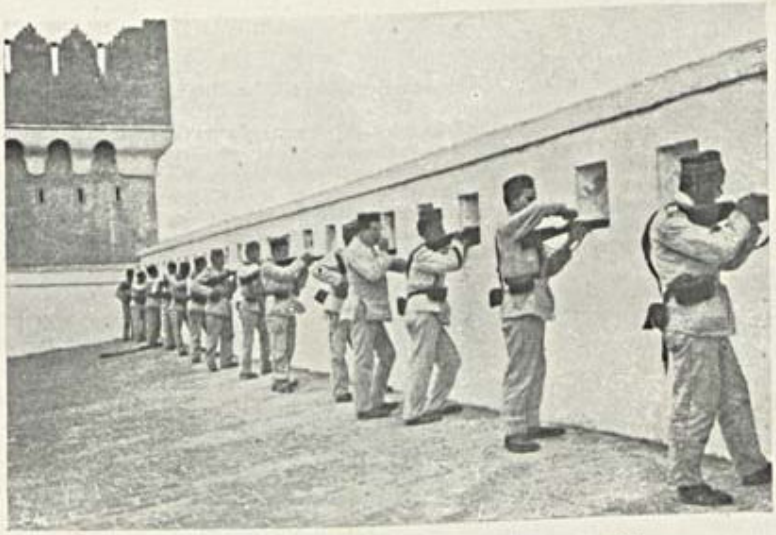
Levados á força pódem ser vencidos uma vez, outra e ainda outra. Mas a victoria final será d'elles. Porisso o caminho do accordo é o naturalmente indicado n'estes casos, de que a historia nos mostra tão eloquentes exemplos.

São estas no nosso intender a significação e a gravidade do que acaba de se passar em Barcelona. O incidente passou; foi afogado no sangue de uma implacavel repressão O symptoma, esse ficou como annuncio de futuras explosões, a que é preciso acudir sem perda de tempo, com remedio apropriado, embora heroico.

* * *

O que representa para a Espanha a campanha de Melilla? Outro erro em quanto a nós da sua politica. Não quer isto dizer que, chegadas as cousas ao pé em que estão em Africa, os nossos vizinhos possam abandonar a partida, deixando os rifenhos triumphantes. As nações do mesmo modo que os individuos teem tambem os seus pontos de honra a que não pódem faltar, sob pena de se exautorarem perante o mundo. Além de que o abandono pela Espanha, depois dos revezes recebidos, da desforra a que tem direito, dando aos mouros uma idéa falsa ou exagerada da sua força, poderia ser terrivelmente prejudicial para os interesses europeus no imperio cherifiano.

Porisso, empenhada como está a lucta, a Espanha tem de proseguir infelizmente, lançando á voragem da guerra algumas dezenas de milhões



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff

No forte de Sidi-Guariach — Soldados do regimento d'Africa fazendo fogo

que tão indispensaveis lhe eram para promover o fomento das suas mal amanhadas provincias, e, peor do que isso, sacrificando alguns milhares de vidas que tão precisas se lhe tornavam para fortalecer a sua anemia economia, depauperada por uma emigração indicadora de profundas perturbações sociaes.

Mas o erro foi tornar inevitavel esta desastrosa situação.

Que interesse póde a Espanha ter n'essa região ingrata, avessa a toda a cultura europeia, povoada pelas tribus mais fanaticas e turbulentas de todo o norte africano? Que pode a Espanha esperar de um dominio, mais ou menos nominal, na região de Melilla, ella que teve como colonias as mais ferteis terras do mundo inteiro e as deixou perder por incuria e incapacidade administrativa? Ir gastar milhões e sacrificar vidas no Riff, quando não ha muito perdeu toda a America meridional, e ainda hontem deixou escapar das debeis mãos Cuba e as Filippinas, é inexplicavel loucura. Que quer dizer conservar o prestigio em Marrocos? Politicamente não pode a Espanha aspirar a exercer a menor acção n'aquelle imperio. Commercialmente não tem a peninsula meio de alli poder mandar as suas mercadorias em concorrencia das que para alli enviam a França, a Inglaterra e a Allemanha. O que quer dizer então esse prestigio, que a Espanha lá vae manter com os seus canhões e com o sangue dos seus filhos? Mero *bluff*, que apenas póde satisfazer a vaidade de certos megalomanos de Madrid, mas que a nação com o seu bom senso já condemnou.

A Espanha vencerá os mouros do Riff, mas o haver tornado essa guerra inevitavel terá sido imperdoavel erro, que oxalá! não vá pagar bem caro .

CONSIGLIERI PEDROSO.

— José!

— Senhor!

— Eu não te disse que arejasses o meu quarto? Afinal de contas deixaste-o fechado , e o fumo do tabaco não sahiu.

— Não sahiu porque não quiz, que eu deixei a chave na porta.

A escola primaria

I

Quita gente exagera e continúa exagerando a influencia social da escola, esperando d'ella não só o que na realidade pode produzir, mas o que produziria em determinadas condições.

E' assim que pedagogistas, litteratos e philosophos teem affirmado e teem escripto que a escola e só a escola poderá supprimir o crime, crear a educação civica nos paizes que a não possuem, formar o caracter moral, extinguir os odios politicos e religiosos, e outras cousas mais. Todos esses effeitos na opinião dos utopistas dependem apenas de uma boa organização escolar!

Basta reflectir um pouco para se comprehender que se illudem os que tanto esperam da escola.

Seria preciso, para ella produzir tudo isso e muito mais que d'ella se reclama, encontrar alguns milhares de homens de cultura superior e de moralidade excepcional, cheios de abnegação, que se prestassem a ser mestres; depois seria mister remuneral-os de forma que pudessem dedicar-se exclusivamente á educação; e finalmente facilitar a esses homens a sua missão, desviando e neutralisando todas as influencias contrarias á sua acção.

Realisar todas essas condições é impossivel; e por isso reclama-se da escola o que ella não pode dar; e, porque não dá o que d'ella se espera, desespera-se, declama-se contra o Estado, e contra os regulamentos, ou cae-se no scepticismo e no pessimismo.

Um mestre toma posse da escola, convencido de que vae fazer uma revolução na intelligencia e no caracter das gerações que educar. Começa com a alma cheia de illusões que o sentimento da realidade n'elle não corrigiu. Não se demora a licção dura da experiencia. Os obstaculos e as contrariedades impedem-no de realisar o que desejava.

E então uma de duas cousas succederá. O professor ou se converte n'um sceptico que não acreditará na escola nem na sua acção educativa, ou passa a ser um declamador que fallará do nobre apostolado, do templo do saber, do laboratorio do futuro, e de outras cousas mais, sem utilidade pratica e sem qualquer relação com a sua missão. Em ambos os casos é um mau funccionario e um pessimo professor.

Se o mestre inicia a sua acção, convencido de que a escola não é omnipotente, de que apenas constitue um factor do progresso social, e de que o seu organismo não é nem pode ser absolutamente perfeito, não haverá o perigo do desalento e do scepticismo, nem o professor se converterá n'um declamador esteril. Irá removendo, pouco a pouco e no limite do possivel, os obstaculos oppostos á sua acção pelas condições sociaes. E conseguirá aquillo que a realidade permitte realisar.

Em paiz nenhum a escola produz a reforma milagrosa, a redempção social, sonhada pelos utopistas e pelos declamadores. E estes em vez de a observar e de dar realce aos beneficios reaes que d'ella derivam, preferem desacredital-a, e attribuir a fallencia das suas illusões á falta de competencia dos educadores, á defeituosa organização dos serviços, á indifferença do Estado, etc.

Esses individuos que consomem a sua actividade em declamações inuteis, seguiriam melhor caminho, se dirigissem os seus esforços n'outro sentido, como formar pessoal idoneo para o ensino, chamar a attenção sobre a escola, melhorar nos limites do possivel as condições materiaes e sociaes do ensino, desenvolver a assistencia escolar, crear cantinas, etc., e dar a essa obra util e pratica todo o seu zelo, toda a sua dedicação.

Se pedirem a esses intellectuaes que visitem as escolas, que observem os esforços dos mestres, que assistam aos exames, que formulem conselhos praticos, que apresentem uma reforma concreta, ninguem apparece, o sabio n'essas occasiões escapa-se.

Vê-se que os *sabios* são da mesma força em toda a parte. Não os tirem do campo facil das formulas.

Sejamos justos. Porque a escola não dá tudo o que os utopistas e os declamadores pretendem, não se segue que não dê nada, que não dê mesmo muito. Porque a realidade não corresponde ás nossas illusões, declamar sobre a escola e contra ella, é perder o tempo, é desalentar outros, é crear o espirito da revolta em muitos, é consumir inutilmente actividade e esforços.

II

Os homens que no nosso paiz e nos outros se occupam da educação popular, podem dividir-se em tres cathegorias:

A primeira é constituida por aquelles que esperam da escola a reforma radical e absoluta do estado social; e observando que ella não produz essa transformação miraculosa, attribuem a falta aos regulamentos e aos homens.

A segunda é formada pelos que, notando esse facto, convertem-se em scepticos, quanto á acção escolar.

A terceira é a d'aquelles que só pedem á escola o que ella na realidade pode dar; e procuram com dedicação e com esforço facilitar a sua acção educativa sem desfallecimentos, mas tambem sem esperanças exageradas. Os homens que compõem esse grupo, estão em minoria.

Quem reflectir e considerar as condições sociaes nas suas relações com a escola, comprehenderá que a propaganda das duas primeiras classes é funesta ao progresso da escola. Não bastam planos de reformas e de programmas para transformar uma sociedade. A modificação lenta e continua do meio é mais efficaz do que o mais perfeito plano de organi-

Os acontecimentos da Catalunha

Interior da egreja das freiras Jeronymas, destruida pelo incendio

Por falta de espaço não podémos dar no nosso ultimo numero as gravuras relativas aos acontecimentos da Catalunha.

Constituem um facto historico e portanto aqui ficam hoje archivados alguns instantaneos, que dão bem a ideia do descairamento popular, que teve, entre outras, a nota antipathica do incendio das casas religiosas, casas onde Deus habita e portanto onde a paz e a caridade dominam.

zação escolar, phantasiado fora das condições sociaes em que a escola tem de actuar.

III

Pondo de parte illusões e utopias, é innegavel que a escola é um poderoso factor de civilisação, e tem uma grande missão a cumprir pela influencia positiva e real que exerce sobre o homem futuro, precisamente

Os acontecimentos da Catalunha

Ruinas d'um convento na rua de Provença

n'uma edade em que a alma é mais sensivel ao ambiente em que se desenvolve.

Para que a sua acção seja efficaz, deve a escola attender não só ás condições fundamentaes do seu funccionamento, e que são as mesmas em todos os paizes, mas tambem a certas modalidades nacionaes e a determinados caracteres ethnicos. Em cada povo ha defeitos que importa cor-

Os acontecimentos da Catalunha

O convento da Granja ardendo

rigir, virtudes que convem robustecer, sentimentos que é preciso crear, prejuizos que convem destruir.

Nas nossas populações ruraes ha por exemplo um accentuado predominio da rotina que prejudica o desenvolvimento agricola e desalenta os proprietarios progressivos; existe em algumas das nossas provincias verdadeira resistencia aos conselhos e aos preceitos hygienicos; não é bem consciente no nosso povo o sentimento nacional; e deixa muito a desejar a educação civica, absolutamente necessaria á existencia de um povo livre.

Corrigir esses defeitos, robustecer certas virtudes da nossa raça, crear

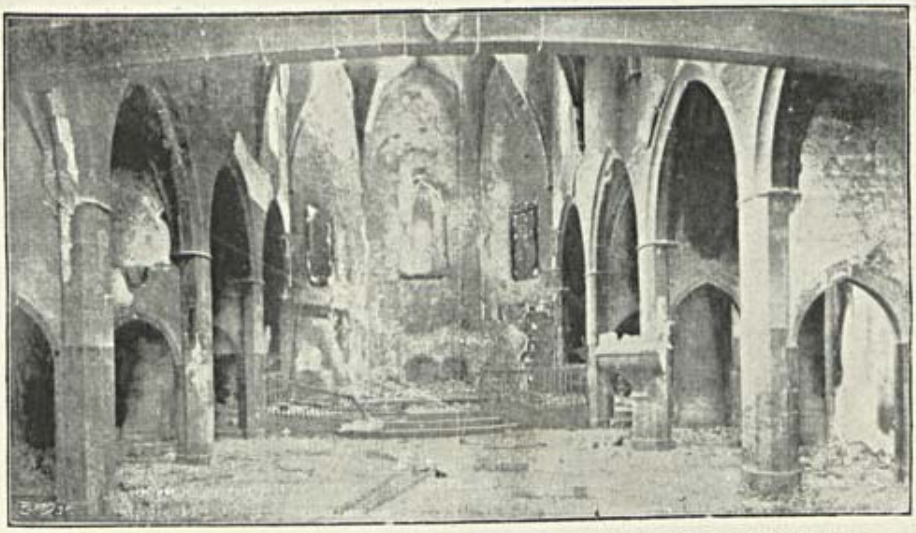
Os acontecimentos da Catalunha

Estado em que ficou uma das salas do Collegio de Nossa Senhora do Loreto

sentimentos novos e progressivos, é uma missão que pertence á escola na sua acção lenta, mas realmente educativa.

Realisar essa missão é transformar o nosso caracter nacional, é preparar o futuro do nosso paiz, Mas, para esse effeito se produzir, é mister uma propaganda consciente e constante, que não tema os desfallecimentos, e que não receie virem a ser outros os que recolham os fructos d'essa actividade

Marques Mano.



Os acontecimentos da Catalunha. — *Como ficou a egreja dos Padres Esculapios*
(N'esta egreja, um notavel monumento gothico do seculo XVI, existiam preciosos quadros que o fogo devorou)

A lenda do judeu errante

Toda a gente sabe que existiu um «Judeu Errante», senão de facto, pelo menos na lenda; o que a maior parte desconhece, porém, é esta lenda completa, uma das mais extraordinarias que existem.

No anno... — não importa o anno visto que cada seculo tem pretendido que o facto lhe pertença, — o bispo de Sleswick viajava em Wittemberg e dirigia-se para Hamburgo, a fim de ir ter com Francisco Eysen, seu amigo, theologo e homem de talento, que se achava na pequena cidade de Salen.

Depois de o ter acolhido jubilosamente, com todas as attenções, Eysen convidou o viajante a assistir ao sermão de segunda-feira seguinte, que era o dia de Epiphania.

O bispo de Sleswik assim o fez, e, espraiando a vista sobre a multidão dos ouvintes, reparou n'um velho com uma comprida barba branca, que parecia prestar grande attenção ao sermão, e batia no peito, gemendo, por cada vez que ouvia proferir o orador o nome de Jesus.

O bispo, pensando que aquelle homem devia sentir algum pungente remorso, mandou-o convidar a ir ter comsigo.

O desconhecido chegou, e, achando o bispo em numerosa companhia, hesitou a principio em responder; mas, levado pela cordialidade allemã, tomou logar á mesa ao lado do bispo de Sleswik, e contou nos seguintes termos a sua odyssêa:

«Nasci na tribu de Naphtali no anno de 3962 da creação, tres annos antes do rei Herodes ter feito morrer seus dois filhos, por ordem do imperador Augusto.

O meu nome é Ashavero. Meu pae era marceneiro; minha mãe trabalhava pela agulha, e fazia os fatos dos levitas, que bordava admiravelmente.

Aprendi a ler e a escrever e quando fui homem, metteram em minhas mãos o livro da lei e dos prophetas. Meu pae possuia tambem um livro velho e volumoso, no qual li cousas espantosas, de que convém que vos dê uma idéa.»

Ashavero conta depois, referindo se ao que leu n'esse livro, que o anjo Gabriel que vigiava á entrada do paraiso terrestre com uma espada de fogo, disse a Seth, filho de Adão: «Teu pae deve morrer em breve; aqui tens tres sementes da arvore prohibida; mette-lh'as debaixo da lingua quando elle estiver morto e sepulta-o assim.»

Seth executou o que Gabriel lhe recommendara, e no logar onde Adão foi sepultado rebentaram, algum tempo depois, tres arvoresinhas que foram crescendo, e produziram um fructo tão lindo, que cousa alguma podia lisonjear mais a vista.

Esse fructo, porém, era de gosto amargo, cheio de aspereza, de sorte que ninguem tomou cuidado das arvores.

No meio das maiores vicissitudes por que Jerusalem passou, as arvores lá ficaram a uma milha da cidade, até que Antipather, pae do rei Herodes, as mandou derribar no anno 3930, para desembaraçar aquelle terreno destinado ao supplicio dos malfeitores, e que foi chamado Golgotha.

Estas arvores foram levadas para a cidade e collocadas junto de um grande muro. Com ellas foi feita a cruz de Christo.

Ashavero era de nove annos quando ouviu a seu pae que tinham chegado tres reis que procuravam por um rei recem-nascido para o adorarem. Conta que, durante a fuga da sagrada familia para o Egypto, tendo Maria avistado soldados, de tal forma se assustou, que esteve para cahir do jumento. Tendo ido esconder-se n'um grande azinhal que viram proximo, as arvores se dobraram repentinamente para os occultar, e os soldados de Herodes, que procuravam o menino Jesus para o matar, passaram sem os ver. Momentos depois a sagrada familia proseguiu o seu caminho.

No dia seguinte alcançaram o deserto; e, quando já tinham andado muito, foram assaltados por um novo susto, vendo sahir de uma caverna dois salteadores, os quaes agarraram Maria e José com o menino, e, tendo-os conduzido ao seu esconderijo, lhes perguntaram quem eram.

Maria perturbou-se inteiramente; porém o menino olhou para os ladrões com um sorriso tal e commoveu-lhes por tal forma o coração, que elles desligaram immediatamente a José, e mandaram que trouxessem enxoval para Jesus e viveres para seus paes.

Ora convem saber que a mulher de um dos ladrões tinha um filho hydropico. Depois de ter pensado e mudado de roupa a Jesus, ella fez outro tanto a seu filho, que no mesmo instante se achou curado.

Os salteadores ficaram extremamente admirados; pelo que Maria e José foram bem servidos sendo-lhes dado para seu descanso o melhor quarto, e, no dia seguinte, os puzeram em bom caminho.

Um dos salteadores, desejando lhes boa viagem, disse a Jesus: «Senhor, creio firmamente que vós sois mais do que um homem, por isso que eu não tive a coragem de matar vos a todos e sois os primeiros que sahis sãos e salvos da minha habitação: lembrae-vos portanto de mim, Senhor, e da miseria da minha vida». E deixou-os com lagrimas nos olhos.

E' esse mesmo ladrão, o «bom», segundo attestou a Virgem Maria, que foi crucificado com Jesus á sua direita. Chamava-se Dimas.

Os acontecimentos da Catalunha
A defeza d'uma barricada na rua do Hospital

Os acontecimentos da Catalunha
As tropas acampadas no mercado de Santo Antonio

Passemos, porém, á parte principal da narração de Ashavero, a origem da sua triste sorte hoje.

Um dia, annos depois, é Christo condemnado á morte e arrastado ao supplicio. Ashavero, exaltado partidario dos escribas e pharisens, quer ser testemunha dos seus ultimos instantes.

Estava á minha porta, prosegue elle, quando vi gente a correr e gritar: «Crucificam Jesus». Peguei então em meu filho para lh'o mostrar, porque n'esse instante Jesus chegava vacillante debaixo da sua pesada cruz.

Elle parou á minha porta para descançar um pouco; mas eu, offendendo-me d'isso como d'uma affronta, disse-lhe duramente: «Ide, caminhae: longe, longe da minha porta! . Não quero que um velhaco aqui descance».

Jesus olhou para mim com modo triste, e disse-me:

— Eu vou e descançarei; tu irás e não descançarás mais; tu caminharás emquanto o mundo fôr mundo, e até ao dia do juizo. Vae, tu me verás sentado á mão direita de meu Pae, para julgar as doze tribus que me hão de crucificar.

Deixei meu filho, e segui Jesus.

A primeira pessoa que vi foi Veronica, que veiu enxugar o rosto de Jesus com um panno, no qual esse rosto ficou impresso.

Mais longe vi Maria e outras mulheres que choravam. Um operario que levava os cravos e o martello pegou n'um dos cravos e, mostrando-o a Maria: «Olhae, mulher, lhe disse elle, vosso filho vae ser pregado com isto».

Fui com Jesus até ao monte. Chegados que fomos alli, elles pegaram na cruz e puzeram-n'a em terra; depois fizeram grandes furos, emquanto que outros moços do algoz despiam Christo.

Quando elle ficou nú, alguns desviaram a vista para não serem testemunhas de um espectaculo tão miseravel: outros, porém, riam e gracejavam. Maria, tirando o véo da cabeça, enviou-o a Jesus para cobrir a sua nudez.

Este foi depois crucificado e a cruz posta no mesmo logar em que Adão fôra sepultado, e onde se achavam as tres arvores de que fal'ei.

Depois de ter proferido algumas palavras, Christo expirou. Então o céo obscureceu-se e sobreveiu um terrivel cataclysmo. Os mortos sahiram de seus tumulos, os rochedos abalaram-se e a terra abriu-se ao pé da cruz.

Longino veiu com uma lança e trespassou a ilharga de Jesus, que estava morto. O sangue que d'ahi sahiu, correu pela rotura do solo ao pé da cruz onde regou a cabeça de Adão e Eva, ambos ali sepultados e reduzidos a pó.

Ashavero depois de ter tomado folego, emquanto cada um dos seus ouvintes expressava o sentimento que o agitava, continuou n'estes termos:

— Apenas Christo morreu, lancei as minhas vistas sobre Jerusalem, para ainda uma vez a ver, porque me sentia como impellido a deixá-la.

Comecei assim a minha viagem, não sabendo para onde ia. Passei altas montanhas; agora, em qualquer logar que ande, não posso parar, N'este mesmo momento, senhores, dizia elle fazendo profundas cortezias.

Visita de El-Rei a Torres Novas

O Senhor D. Manuel sahindo da egreja do Carmo

Teve El-Rei em Torres Novas, onde foi assistir aos exercicios da Escola Pratica de Cavallaria, que por signal foram brilhantissimos, uma recepção carinhosa, que muito honra os povos d'aquella villa, cuja camara municipal teve palavras nobilissimas, cheias de fé monarchica e enthusiasmo patriotico, para saudar o Augusto Chefe do Estado.

Na gravura que publicamos figura o Senhor D. Manuel sahindo da egreja do Carmo rodeado de povo, n'uma convivencia commovedora pela approximação que se nota entre o mais alto poder do Estado e alguns dos seus mais humildes sustentaculos.

EM CINTRA. — No parque Amelia Moraes

Nova casa portuguesa do sr. Fernando Formigal de Moraes cuja capella foi inaugurada e sagrada no dia 15 de Agosto com a assistencia do arcebispo de Mitylene

(Cliché de J. Benoliel). *Grupo de creanças (cerca de 300) das familias do pessoal que trabalhou na construcção, tirado no dia da festa que lhe foi offerecida, sendo-lhes distribuidas n'essa occasião varias peças de vestuario*

EM CINTRA. — No parque Amelia Moraes

O interior da capella

parece-me estar sobre carvões ardentes; não obstante achar-me sentado, as minhas pernas movem se, e sinto uma grande impaciencia por andar.

Corri então do Oriente para o Occidente, do meio dia para o norte.

Depois de ter caminhado pe o mundo inteiro, proseguiu elle, voltei á Judéa, mas já ahi não achei nem parentes nem amigos, porque havia 100 annos que eu caminhava constantemente; por isso, uma tão longa vida me era bem penosa.

Deixei, pois, Jerusalem, onde já não era conhecido de pessoa alguma, com a intenção de tentar todos os perigos para perder a existencia, sentindo-me fatigado de viver tão longo tempo; porém, fizesse eu o que fizesse, a palavra de Deus devia cumprir se.

Combati em muitas batalhas, recebi mais de dois mil golpes, sem que um só me ferisse, porque o meu corpo é duro como um cachopo, e arma alguma pode fazer me mossa. Andei no mar, naufraguei muitas vezes; porém fico fluctuando sobre a agua como uma penna.

Nunca sinto necessidade de comer e de beber; não tenho doenças, nem posso morrer. Já percorri o mundo quatro vezes; por toda a parte vi grandes mudanças, paizes assolados, cidades arrazadas, o que levaria muito tempo a contar-vos.

Acabada sua historia, o judeu errante levantou-se para se ir embora. Então o bispo pediu-lhe que se demorasse ainda um pouco mais e offereceu-lhe dinheiro para fazer a sua viagem; porém elle respondeu:

«Não preciso, posso passar annos sem beber nem comer, não obstante ser feito como outro qualquer. Relativamente a vestes, sapatos e calções, nunca me faltam, porque os meus nunca se estragam».

E fazendo uma profunda cortezia aos assistentes, poz-se a caminho para a sua quinta viagem.

Tal é a lenda que se vulgarisou por todo o mundo.

A' semelhança dos livros, o homem tem duas paginas brancas: uma no começo, outra no fim. A infancia e a velhice.

Os amigos são como a sombra; só nos acompanham quando somos allumiados pelo sol das prosperidades.

Os mandamentos da esposa

Carmen Sylvia, pseudonimo sob o qual se occulta a rainha da Roumania, uma escriptora distinctissima, decretou assim os dez mandamentos da esposa:

1.º — Não originarás a primeira disputa, mas se fôr inevitavel, lucta com valor. Sahir victoriosa da desavença domestica pode equivaler a elevar-te na opinião de teu marido no futuro.

2.º — Não olvidarás que te casaste com um homem e não com um Deus. Portanto, que não te surprehendam as suas fragilidades.

3.º — Não fales sempre de dinheiro a teu marido. Procura arranjar-te o melhor possivel com o que elle te dê.

4.º — Se crês que teu marido carece de coração, lembra-te de que tem um estomago. Appellando persistentemente para o seu estomago, com manjares bem condimentados, ser-te-ha ao cabo mais facil tocar-lhe no coração.

5.º — Uma vez, de quando em quando, mas não muito a miudo, deixar-lhe-has a ultima palavra. Isto lisonjeal-o-ha e não te fará mal algum.

6.º — Lerás os jornaes por inteiro, sem te limitares ás historias de sociedades e escandalos. Teu marido surprehender-se-ha agradavelmente ao vêr que pode falar comtigo de assumptos geraes e até de politica.

7.º — Não serás descortez ainda que questiones com teu esposo. Não te esqueças de que em algumas occasiões o julgaste pouco menos que um semi-deus.

8.º — De vez em quando permittirás que teu marido veja que sabe mais alguma coisa que tu, reconhecendo que és completamente infallivel.

9.º — Se teu esposo é intelligente, serás sua amiga; se o não é, serás ao mesmo tempo amiga e conselheira.

10.º — Estimarás os parentes de teu marido, e especialmente sua mãe. Tem presente que elle a amava ha muito tempo antes de ti.

OS BRAZÕES

Foi depois de voltarem das cruzadas que os fidalgos mandaram desenhar nas bandeiras que arvoraram nos muros dos seus castellos os brazões de armas que depois, esculpidos sobre as portas e nos tumulos, foram religiosamente guardados e conservados pelos seus descendentes. A prova de que isto é verdade é que grande parte das peças heraldicas que figuram nos brazões das familias mais antigas são recordações das cruzadas

Até á revolução franceza, os brazões estiveram muito em voga; era mesmo tal a mania dos brazões em França, que se começaram a inventar para os dias da semana, para as differentes edades e houve

EM CINTRA. — No parque Amelia Moraes

O arcebispo de Mitylene depois da sagração da capella

(Clichés de J. Benoliel).

até quem se lembrasse de inventar um brazão de armas de Jesus Christo, brazão que era encimado por uma corôa de marquez.

A revolução prohibiu o uso dos brazões, mas com o imperio a mania voltou.

Entre nós, tambem os monarchas tiveram em grande estima os brazões de armas. No tempo de D. Fernando abusou-se tanto d'isso que D. João I, quando subiu ao throno, tomou severas providencias sobre o assumpto.

D. Manuel então foi d'um grande escrupulo. Mandou um dos seus «reis de armas» a varias côrtes da Europa estudar as obrigações e usos que observavam os nobres, fez examinar os brazões que existiam no reino e mandou construir no paço de Cintra a magnifica «sala dos brazões», em cujo tecto fez pintar os escudos, com as respectivas côres e timbres de setenta e quatro familias que foram as consideradas realmente nobres, além das que pertenciam aos troncos da casa real.

THEATROS. — Rua dos Condes

A Abelha Mestra *(1.º acto)*

(*Clichés* de A. C. Lima).

A Abelha Mestra *(2.º acto)*